

O dia de Natal

Carlos e Anita já eram casados há 11 anos. Até então a maternidade não havia soprado sua benção, suas alegrias, suas insatisfações, seus problemas e temores entre o casal, abalado a ponto de ambos viverem esses últimos anos de vida em comum melancólicos, desencorajados, um vendo no outro a culpa da esterilidade.

Casaram-se, ele aos 25 anos, ela aos 18 anos, levados ao enlace por amor recíproco, sincero, conhecedores do novo papel que iriam representar no lar, família e sociedade. O tempo corria, os dias eram passageiros, semanas indiferentes, os meses sombrios, os anos transformando-se em períodos vazios, monótonos e desmotivados.

Anita não demorou a compreender a tristeza do marido, seu silêncio diante de certos problemas da convivência, sua angústia, perguntas que ela lhe fazia... Antes mesmo que concluísse seu pensamento, ele deixava o recinto. Saía como se algo o castigasse muito. Ela entendia no fundo os sentimentos do marido. Carlos, após o terceiro ano de convivência, percebendo que a esposa não tinha propensão à maternidade, resolveu dialogar com Anita a respeito da sua esterilidade. Ele não foi muito feliz ao abordar o assunto. Ela já tinha sua opinião formada. Não era ela a estéril, devia ser ele, pois vinha de família fértil, avós e bisavós legaram à posteridade uma legião de descendentes. O diálogo sobre o assunto, certo dia, generalizou-se em ligeira discussão que acabou em desentendimento, guardando entre ambos um silêncio frio durante todo o dia, mas respeitoso e só rompido na manhã do dia seguinte. De qualquer modo, Carlos, enchendo-se de coragem, disse a Anita que iria levá-la a um especialista para que desse a última palavra sobre o assunto. A Anita não lhe agradou a sugestão e procurou convencê-lo que ele, sim, era o responsável por não haver concebido. Como se amavam e compreendendo a tristeza que os dominava pelo estado da situação, ela deixou-se envolver pela opinião do marido e, para não o ver sofrer, concordou em procurar um médico experiente no assunto. Assim sendo, foi tratada por longo tempo e nada aconteceu, só fortalecendo a ideia de que o marido era o responsável. Tanto que sua esposa insistiu, ele também se deixou submeter a exames e tratamentos e, igualmente, sem resultados satisfatórios. Novos dias, meses e mais alguns anos rolaram implacavelmente sem modificação nos usos e costumes do casal, que já aceitava a situação como um fatalismo irremediável.

Anita, compreendendo a situação do esposo e deixando-se dominar por uma amargura profunda, via claramente que Carlos atribuía aquilo a uma falta da natureza. Ela começou a sofrer copiosamente e passou a buscar curandeiros, comadres, feitiçeras, garrafadas e terreiros, procurando com tais práticas salvar sua convivência com o amado esposo, que poderia vir a enfraquecer por tais circunstâncias. Entretanto, com todos esses recursos, era ela que estava enfraquecendo ao entregar-se a esse desastroso caminho de tratamentos estranhos. Estava emagrecida, pálida, com indisposições constantes, sem a alegria de antes, insônias constantes, desmanchando-se nas agruras das noites frias, silenciosa e sem coragem de conversar com o esposo em um diálogo mais íntimo, espontâneo e atrativo como outrora.

Carlos, compreendendo que Anita, como ele, por falta de um filho, sofria bastante, resolveu recuperar o tempo passado, quando os dois viviam em alegria, entre flores e sorrisos com a vida mansa e terna. Por isso, resolveu mudar de conduta para evitar uma derrocada total. Não podia deixá-la sucumbir face aos seus sentimentos de tristeza e de opinião de que era ela a responsável pela esterilidade. Pouco a pouco mudou seu comportamento. Começou a aceitar a ideia de que o mal estava do lado dele e de seus familiares. Era ele quem deveria fazer tratamentos e sujeitar-se aos regimes médicos.

Anita notou a mudança de atitude do marido, admirou-se e, com o decorrer do tempo, passou a aceitar o procedimento, dando-lhe todo o

apoio. Carlos, satisfeito, observou o excelente efeito de sua nova conduta, percebeu a recuperação do astral da esposa, olhares brilhantes, entusiasmo, disposição mais calorosa, voltando a reviver dias do passado, seu temperamento, reconquistando palmo a palmo.

Haviam se casado no dia 25 de dezembro, na festa do Natal, quando também Anita comemorava seu aniversário. Foi naquela data que ficou conhecendo Carlos, que viera em sua casa a convite de uma de suas irmãs, colega de Anita. Tinha elogiosas informações de seu mano e solicitou que o levasse na comemoração de seu aniversário e do Natal. Foi então que, em casa dela, se conheceram, palestraram, dançaram, estiveram juntos todo o tempo da festa e, dali por diante, caminharam juntos, até o altar de onde se tornaram marido e mulher. Portanto, o Natal foi a festa em que se uniram e que continuou os unindo. Ele desejava fazer surpresa à esposa, comemorar no dia do Natal, que estava próximo, um novo período para suas vidas. Realizar uma grande festa. Chamou-a e informou que Jesus viria em sua casa em carne e osso, desejava que ele tivesse calorosa recepção, entre flores, cantos, sorrisos, luzes e muita alegria e felicidade. A mesma recomendação fez aos familiares e os convites começaram a ser divulgados com grande difusão. O entusiasmo de Carlos causou estranheza à esposa e aos familiares, que passaram a suspeitar que seu estado mental não estivesse muito perfeito. Anita ficou pensativa, preocupada, mas não desejou fazer ciência de suas dúvidas aos parentes, preferiu aguardar os acontecimentos e as atitudes do marido.

Na verdade, Carlos havia contratado um amigo bastante religioso para que se fantasiasse com as vestes brancas de Jesus e que fosse a sua casa para proferir umas orações pela data comemorativa do nascimento do menino Jesus e comemorar o aniversário de sua amada. Chegou o dia e a curiosidade dos familiares era geral. Carlos estava alegre, pedia que aguardassem, pois ele deveria chegar próximo da meia-noite.

Pediu licença aos presentes, pois iria à padaria buscar as encomendas para a festa. Chamou a doméstica que havia ficado para ajudar na cozinha. – Vamos para me ajudar a carregar as encomendas. São muitas!

Assim, saíram em busca dos comestíveis. No trajeto passaram por uma caçamba, dessas de entulho. Estava apressado, mas sentiu que havia algo estranho dentro do enorme recipiente. Pareceu que havia movimento e ligeiro barulho, mas não deu importância, estavam com pressa. Apanharam todo o material encomendado, já pronto e embalado, acertou a conta e voltaram. Ao passar de novo rente a peça metálica enorme, desta vez ouviu o choro de um bebê. Imediatamente, olhou para dentro e comentou com a secretária:

– É um recém-nascido enrolado num pano! Nossa, vamos levar! Quem poderia ter feito essa barbaridade?

A acompanhante segurou o bebê e Carlos apanhou as compras. Caminhando, pensou e disse:

– Você, ao chegar, entre pelos fundos com o bebê, e leve ao quarto de hóspedes. No armário, tem numerosas roupas de criança, que compramos a espera de um filho que nunca tivemos. Vista esse menino como Jesus. Eu levo as compras para a cozinha. Os convivas nem vão dar por sua falta. A alegria vai estar geral. Quando o menino estiver no jeito, venha à sala e grite: “O menino Jesus chegou e está no quarto”.

O alvoroço foi geral, todos correram em direção ao quarto para ver. Surpresa total. Carlos e a empregada começaram a contar a história. Assim foi aquele maravilhoso e inesquecível dia de Natal. Meses depois, após conseguirem regularmente a adoção, souberam pela polícia que a mãe abandonara o bebê e suicidara-se naquele mesmo dia, atirando-se nos trilhos do metrô.

Carlos Garcia de Queiroz Filho

Ortopedia

Campo Grande – MS